



Wellington Souza

Caminhos de Areia

(1999)



Caminhos de Areia

Poesias

Wellington Souza

Dedico esta obra a minha eterna e maravilhosa esposa, Auly Queiroz, musa inspiradora que sempre se faz presente quando encontro-me nos caminhos mais difíceis dessa vida. Que Deus a conserve sempre alegre e forte para que eu possa estar sempre iluminado por tanta beleza e sapiência.

PREFÁCIO

O amor é o tema mais universal que ainda hoje insistimos em definir. Transita além dos tempos e acima de todas as formas de expressão. É a mais imperiosa necessidade dos seres vivos na busca de ultrapassar as fronteiras do preconceito.

“Caminhos de Areia”, sem sombra de dúvidas, é um reencontro com a beleza e com a simplicidade da alma poética que durante muitos séculos permanece inalterada no coração dos homens.

O poeta manteve-se fiel ao estilo moderno e arrojado que o identifica, filtrando as palavras mais íntimas e profundas que se diluem na sutileza do papel.

Se fôssemos tentar uma decifração mais abrangente sobre esta bela obra, diríamos que a poesia presente conserva o encanto e a simbologia enigmática das palavras. Nos parece a invocação para um encontro com a arte que surge do amadurecimento da linguagem poética e da transformação do sonho em perfeição visível do mundo.

Marx Montezzi



“A simplicidade é uma virtude de poucos e um desejo de muitos”



O Autor

SUMÁRIO

O mundo do poeta.....	10
Procura.....	11
Rascunho.....	12
Igarapé.....	13
Família portuguesa.....	14
Corpos ausentes.....	15
Sui generis.....	16
Amor vaidoso.....	17
À pureza.....	18
Sonhos.....	19
O poema.....	20
Olhos de mar.....	21
O meu amor nasceu.....	22
Caminhos de areia.....	23
Estrela nua.....	24
Quem nunca amou.....	25
Meditações noturnas.....	26
Sufrimento amiúde.....	27
Água e fogo.....	28
Folhas caídas.....	29
Um barco no mar.....	30
Ósculo e barbitúricos.....	31
Concreto armado.....	32
Se.....	33
Prazer de viver.....	34
Pensamentos incompletos.....	35
Sonhos repartidos.....	36
Não consigo fazer um simples verso.....	37

Tocar teu corpo.....	38
Meu primeiro amor.....	39
Por ela.....	40
Trabalho.....	41
Versos tristes.....	42
Incompreensão.....	43
Amor.....	44
Sina.....	45
Olhai os lírios do campo.....	46
Objetos.....	47
Não houve amor.....	48
Formas de saudade.....	49
Templo das palavras.....	50
Quando desperto.....	51
Meu olhar.....	52
Amor e medo.....	53
Frenesi.....	54
Lágrima tranqüila.....	55
Venha me amar.....	56
Sobre o dia e a noite.....	57
A felicidade é azul.....	58
Encanto.....	59
Musa.....	60
Diáfano.....	61
Prazer.....	62
Libido.....	63
Teus lindos olhos negros.....	64
Presságios.....	65
Essa que eu amei.....	66
Cantando e encantando.....	67
Foi assim.....	68

A canção que eu canto agora.....	69
Subúrbio.....	70
Composição.....	71
Vaso antigo.....	72
Horas vagas.....	73
Ab imo pectore.....	74
Gotas de amor.....	75
Desejo ardente.....	76
Enleio triste.....	77
Interesse.....	78
Folha ao vento.....	79
Uma lembrança na manhã.....	80
Mãe.....	81
De amor e paixão.....	82
Amor em chamas.....	83
Dezembro.....	84
Violetas na janela.....	85
Beijos no papel.....	86
Seja de amor.....	87
Sou o que sou.....	88
Acaso.....	89
Estes sonhos.....	90
Se a vida me guardar.....	91
Palavras.....	92
Um novo dia.....	93
Frêmito.....	94
Oração do menino pobre.....	95
Louca lembrança amiga.....	96
Noite.....	97
Estrela ardente.....	98
Cores do Brasil.....	99

O mar.....	100
Distância.....	101
Primeira visão.....	102
Minha filha.....	103
Terras de abandono.....	104
A primavera chegou.....	105
A chuva na madrugada.....	106
Olhos tristes.....	107
Deixai cair a chuva.....	108
Fragmentos.....	109
Amor de primavera.....	110
Casas.....	111
Barcos.....	112
O gato.....	113
Encontro.....	114
Retorno.....	115
Eu faço versos.....	116
Palavra e verso.....	117
Imensidão.....	118

O MUNDO DO POETA

A beleza e a indefinição dos versos tornam enigmático o mundo do poeta, carregando de emoção e suavidade a linguagem da poesia. A verdadeira essência da arte encontra-se submersa numa vida de sonhos e fantasias tantas vezes revelada pela imaginação fértil e delicada que transforma pequenos desejos em realidade escrita, modificando constantemente o submundo imaginário do poeta.

Definir a felicidade, o amor, a tristeza, a alegria e as dificuldades do cotidiano, talvez seja a sina de poucos, pois a sensibilidade é rara nos corações e nas mentes.

Num esforço para compreender o mundo, dentro de toda sua avidez, o poeta procura ser autêntico e tenta descobrir o verdadeiro segredo dos versos e da poesia. Os versos, por outro lado, possuem o jeito difícil e confuso do poeta e definem a autenticidade do estio próprio.

Transparecer a beleza em palavras muitas vezes indecifráveis é um desafio belo e gratificante aceito com esmero por alguns eleitos.

Wellington Souza

“Procura”

Procuro um amor
Que me reconheça,
Sem desamparo
Nem trégua,
Somente um gemido
absurdo.

Procuro um amor
Que seja voraz,
Sem desesperança
Nem fraqueza,
Somente um pedido
mudo.

“Rascunho”

Sou barco,
Sou remo,
Sou travessia.
Sou curso d'água,
Espelho disforme,
Sem cor;
Sorriso e abstração.

Sou rascunho
E não definitivo
Do infinitivo;
Do presente
Indicativo
Que nada indica.

“Igarapé”

Recortando o âmago imensurável
da hiléia,
Desbrava o dorso das catraias,
Com o fôlego de gigante altivo.
Atravessa o seio das restingas,
Conquistando o manto verde
da cidade,
Tecendo o fio das águas
No espelho solitário da lua.
Abre os braços atracando
A “Princesinha das Selvas”,
Quebrando o silêncio da floresta
Ao canto do vento nas canaranas.
Encontra a sinfonia das graúnas
No encanto dos lagos,
Refletindo o luar,
Embelezando os mistérios
da mata virgem.

“Família portuguesa”

Ao canto pouco iluminado da sala
Pendia uma estátua de gesso
Da bela e imponente Vênus.
Os retratos descoloridos na parede
Anunciavam os traços da
família lusa
E os detalhes que o tempo desmontava.
Os fantasmas por trás das cortinas
De tule também amarelavam
Com o tempo e não escondiam
As rugas da vaidade.
Vagas lembranças da infância remota
Onde minha avó trazia o café
Coado bem cedo e me levava
Para passear na feira municipal.

“Corpos ausentes”

Meu corpo a procurar teu corpo ausente;
Minhas mãos a tatear sem direção;
Meus olhos a buscar-te eternamente
Nas curvas irreais do coração.

Meus braços a tocar dilacerando
Uma silhueta no espelho triste;
E a boca solitária mitigando
Teu beijo quente que ainda persiste

Em traduzir o anseio dos meus olhos
Pelo teu corpo calmo e transparente
Na trepidez volátil do meu mundo;

E esse meu corpo de areia e abrolhos
Beijando o dorso do teu corpo ausente
Encontra o gozo desse amor profundo.

“Sui generis”

Não quero um amor dissimulado
Feito um vestido “prêt-à-porter”.
O que desejo é a simplicidade da boca,
O flerte e a languidez de um olhar apaixonado.
Quero apenas o beijo macio
E o toque suave das mãos
Deslizando plenas sobre o corpo.
Quero tua voraz presença
A dominar meu corpo sobre a cama
Com toda a fome insaciável
De mulher e amante.

“Amor vaidoso”

Sofro, não nego, não minto;
De um mal puro e perfeito,
De uma saudade que sinto
Ardendo dentro do peito.

Sofro, não minto, não nego;
Que essa dor inconsciente
Deixa o nosso amor mais cego,
E nos mata brandamente.

Desse amor doce e singelo
Que vivemos com vaidade,
Nasce claro e levemente

Um sabor vaidoso e belo
Que emana com vontade
Do teu olhar sorridente.

“À pureza”

Quisera ouvir nas mutações da aurora,
Os sonhos longínquos dessas primaveras,
Nos brilhos foscos de irreais quimeras,
Mil realejos que não ouço agora.

Quisera ter na palidez das noites;
Os mesmos sonhos, o mesmo amor cruel,
Nas luzes brandas... fartas... os açoites
Da tarde louca, mansa e infiel.

“Sonhos”

Para pintar um sonho
é preciso antes imaginá-lo,
Dentro de uma imensidão
incomensurável,
Depois vivê-lo em seus
amplos sentidos,
Em seus contornos e em toda
sua delinearidade.

Para manter um sonho
é preciso avivá-lo,
Até mesmo nos momentos
menos íngremes,
Depois retocá-lo em seus
raros matizes,
Em sua flexibilidade
E em toda sua homogeneidade.

“Olhos de mar”

São dois rios de águas claras,

– Bem sabes –

Estes olhos de mazela:

Duas pontas de aquarela.

São dois velhinhos tristonhos,

– Bem sabes –

Estes olhos de sereia:

Duas pontas de areia.

São dois barquinhos perdidos,

– Bem sabes –

Estes olhos cor de mar:

Cansados de marejar.

“O meu amor nasceu...”

O meu amor nasceu de um breve instante
Em que meu corpo solitário agonizava
Sem os teus beijos de mulher e amante;
Na incerteza de saber porque te amava.

Meu coração viveu de um leve beijo
Que tua boca derramou entre meus lábios,
Alimentando uma ponta de desejo
Que encontrei junto aos teus olhos sábios.

O meu amor cresceu de um simples medo
Que no meu peito desabava levemente
Entre as manhãs lavadas de segredo.

Mas esse medo ficou fraco e aparente,
Igual ao verso quando perde o enredo
E se encontra no teu corpo novamente.

“Caminhos de areia”

São tortuosos os caminhos;
As paixões devassas.
São lânguidos
 os olhares tímidos,
São flertantes os sorrisos
 mágicos,
As palavras doces.
São sinuosos todos os caminhos
Para que os sonhos sejam ásperos
 e difíceis de galgar.
São tortuosos,
 mas gratificantes,
Os caminhos que essa vida tem.
São feitos de pedras,
 de espinhos
 e de areia.

“Estrela nua”

Nosso amor no cadafalso
Escondendo olheiras
Das noites sem eiras e nem beiras.
Entorpecido pela luz da madrugada
Que no silêncio das saudades pequeninas
Despertam todas as estrelas vespertinas.

Nosso amor no ancoradouro
Colhendo ventos
Das manhãs sem águas nem mágoas
Eletrificado pelos sons das horas
Que saltam do relógio até a rua
E despertam no meu peito a estrela nua.

“Quem nunca amou...”

Quem nunca teve um amor na vida?

Quem nunca teve uma paixão?

Quem nunca crivou-se de espinhos

por um amor sedutor

Ou nunca vestiu de sol uma esperança?

Quem nada disso provou

na vida nunca amou.

Quem nunca prometeu uma estrela?

Quem nunca teve um beijo às escondidas?

Quem nada disso provou

não viveu cego de amor.

“Meditações noturnas”

Quero compor, à noite, as poesias
E os nuances dessa lua morta,
Alcandorando minhas alegrias
Para os fantasmas que me batem à porta.

Dos camafeus, o brilho incontido,
Que faz medrar as dores do meu ser;
No tênue corpo nívoo e definido,
Quero o olor das rosas pra viver.

Na tepidez real das madrugadas,
Teus seios nus molhados que intumescem
Em minhas mãos sofridas e caladas
Que te violam e desaparecem.

“Sofrimento amiúde”

Amor,
Sentimento audaz
Que se desfaz
E me retalha a dor,
Sofrimento amiúde
Que me ilude
E distorce a voz,
Sentimento atroz.

Amor,
Sentimento ufano,
Desumano,
Que me aviva o âmago,
Sofrimento egresso
Mal dissimulado
Que alivia a alma
Mas não acalma.

“Água e fogo”

E, por ser fogo,
É que não te encontro;
Pois tu, sendo água,
És quem me apaga o íntimo.

Eu, sendo quente,
Limito a chama fria;
Pois tu, sendo líquido,
Dissolves meu calor inteiro.

Eu, sendo único,
Preciso da porção contrária;
Mas tu, sendo límpida,
Diminuis minha paixão tão quente.

“Um barco no mar”

Um barco no mar,
Coqueiros ao céu azul.
Balançam gaivotas nuas
Sob as nuvens brancas
Voando serenamente.
Um barco no mar
Perde-se lentamente
Devorado pela boca larga
Do horizonte verde.

O oceano é belo...

Um barco some no mar,
Velas retesas
Ao vento balançam
Ilesas...

Gaivotas no céu azul,
Coqueiros a balançar.
Um barco some no mar.

“Ósculo e barbitúricos”

O amor que te dedico não tem preço.
É um beijo de éter inebriante
Dissipando em nossos poros
A química momentânea
Dos corações estereotipados.
O amor que te dedico apetece,
Mas também entorpece,
Tem cheiro de âmbar
E sabor de álcool destilado.
O amor que te dedico é combustível
Que dissolve em meu sangue
As drágeas de fumaça;
Tem gosto de grãos quebrados
De helianto e rosa
E esmorece os lábios após o ósculo.

“Concreto-Armado”

Contra o espaço aberto da cidade
Ergue-se o edifício de concreto
e argamassa,

Deslocando as nuvens
Para a construção de um mundo.
Pássaros operários
Transpassam as vigas
misturadas com o azul do céu.

Explosão...

Ferro e Concreto-Armado;
Esqueleto de aço.

Quando cai a noite pontual,
Pássaros operários
descem dos cimos
do imenso monstro
de vinte andares
que adormece na incansável
luta cotidiana.

“Se...”

Se tu fosses branda feito a brisa,
Na brisa te confundiria
Com o vento frio que balança
As leves folhas de amoreira,
Com a chuva fina que envolve
Teu rosto liso e suave,
Teu corpo branco e sereno.

Se tu fosses leve feito as flores,
Com flores te confundiria.

Se tu fosses como as nuvens,
Talvez eu não mais vivesse
Pois as nuvens passariam.
Mas, se tu fosses como o céu
Azul no meu olhar,
Eu te daria amor...

Eu te daria amor...

“Prazer de viver”

Abrir a janela de manhã
Respirar a brisa leve
Fechar o livro e sorrir.
Assistir o sol nascendo
Fazer “cooper”
Tomar uma ducha fria
Depois ler o jornal.
Ouvir uma música antiga
Calçar os velhos sapatos
Viajar pelas ruas.
Sentar no banco da praça
Ler dez vezes a mesma poesia
Compreender as pessoas
Ser amigável.

“Pensamentos incompletos”

Papéis amassados,
Pensamentos incompletos...

Um poeta fala baixo:
“O vento varre os campos
E os campos descobrem-se;
Juro que os ventos chamam
E a música não pára,
Por isso, acredito no amor,
Acredito também na vida,
E acredito que uma parte de você
Está dentro de mim”.

Papéis dobrados,
Lembranças que não se esquece;
Mesmo que o tempo não queira,
O mundo pára
E nos resta apenas
Uma gota de saudade.

“Sonhos repartidos”

Verdes ramarias; doudas filigranas,
Que nos teus olhos se confundem tanto
Com a primavera que me assassina,
À noite, a luz da lua nas venezianas.

Meus olhos nus na palidez das portas
Dos velhos casarões desnudos, tristes,
Tremulantes como as mãos pequenas
Que amadurecem minhas poesias tortas.

Esparsos sonhos; corações fremidos,
Batendo as asas pelas ruas púrpuras,
Atravessemos tantas madrugadas:
Amigos, musas... sonhos repartidos.

“Não consigo fazer um simples verso”

Não consigo fazer um simples verso
Em plena tarde azul de primavera;
Absorto, transponho a tarde tímida...
Lábios acesos, coração submerso,
Perdidamente em minha longa espera.
Braços entreabertos em forma de cruz
Com os olhos tristes, bêbados de luz.

“Tocar teu corpo”

Tocar teu corpo é desvendar os anseios
Na virtuosa brisa dos teus olhos;
E mergulhar nas curvas dos teus seios
Qual fosse o mar a dominar os abrolhos.

Tocar teu corpo é mergulhar profundo
Na maciez afável do cetim;
E desvendar na frigidez do mundo
Teu beijo quente tatuado em mim.

Tocar teu corpo é namorar a sorte
Na madrugada tosca e voraz;
E enfrentar a ventania forte
Para ancorar risonho no teu cais.

“Meu primeiro amor”

Meu primeiro amor é uma réstia da manhã,
Um remate de força e desejo
Remido no fundo do coração.

Meu primeiro amor ressabiado
Não sabe as reminiscências
Que eu sinto no relento, antes de dormir.

Meu amor é uma rapsódia
Que não se pode renhir;
Talvez, ressentir seja mais fácil
Pois não pode perdurar!

Meu primeiro amor melífluo
Me deve um quinhão de paz
E eu devo ao meu amor,
Muito mais...

“Por ela”

Por ela eu varreria as nuvens,
Colheria as estrelas,
Pintaria o sol.
Para vê-la feliz eu bordaria
o céu,
Mergulharia no azul do mar,
Traria as maiores riquezas
escondidas na terra.
Por ela eu voaria no infinito
E colheria uma gota de orvalho
em seus olhos.
Para tê-la perto eu libertaria
seus cabelos,
Correria pela verde relva,
Sopraria contra a brisa,
Debuxaria a lua,
Molharia a noite,
Secaria o mar.

“Trabalho”

Faça
Desse corpo
Brusca
Ferramenta
Do trabalho
Submisso
Do homem
Temeroso;
Bancada
Do destino
Inacabado,
Fruto
Do trabalho
De toda
A vida,
Grande
Obra-prima
Desse labor
Profundo:
O mundo.

“Versos tristes”

Versos tristes que invento,
Um papel em branco
Na máquina de datilografar.
Letras tortas,
Desalinhadas,
Falando de emoção.

Tristes versos que relembro;
Os olhos que descrevi
Eram azuis cor do céu,
Eram reais feito o mar
De chamas vivas
Que ainda queimam.

Versos tristes que escrevo
São leves músicas
No doce murmúrio da manhã;
Quase pobres,
Descontentes,
Falando de ilusão.

“Incompreensão”

Eu amo! – ela não sabe –
Se sabe não se compreende,
Pois seu olhar me invade
E sua boca me apreende.

Eu sofro! – ela não entende –
Se entende não se atreve,
Pois meu corpo se acende
Em seus braços cor de neve.

Eu choro! – ela não nega –
Se nega não é honesta,
Pois sua beleza cega
Em meu peito é uma festa.

“Amor”

Um poeta que ama não tem preço,
Posto que o amor que sente é feito chama
Que abranda o frio e esquenta a cama,
Mas não tem sempre o mesmo endereço.

Um poeta que chora tem valores
No amor sem razão, onde crepita
Esse fogo voraz de muitas cores,
Que em seu peito alarga e se agita.

“Sina”

A sina do poeta pobre
É polir o ouro
e amar o cobre,
Mesmo que o ouro
não lhe seja imenso
E que o cobre
não lhe seja denso.

A sina do poeta belo
É esculpir o amor
no camartelo,
Mesmo que não veja formas
De esculpir o amor
fora de normas.

“Olhai os lírios do campo”

Olhai os lírios do campo
Que ao vento balouçado livremente.
São filigranas feitas cuidadosamente
Para enciumar as rosas do universo
E arrematar as curvas deste verso.

Olhai os lírios do campo
Que ao sol reluzem brandamente.
São pirilampos revoando livremente
Para adornar os risos da saudade
E alimentar os olhos da cidade.

“Objetos”

Às vezes quando estou sozinho,
O mar tão calmo
No ócio da manhã,
As flores brotam
Nos rubros lábios femininos.

Estrelas morrem no caos,
Passam riscando o céu.
Azuis são os teus olhos
Na fúria insana
Da vasta solidão noturna.

Do quarto mal iluminado,
No espelho solitário,
O retrato de mim mesmo;
Objetos do meu dia
Que sempre me acompanham
Quando estou sozinho.

“Não houve amor...”

Não houve amor com tanto adágio,
Não houve amor com tanto amplexo,
Foi tudo com muito afeto
E quase reto.

Não houve amor tão belo assim,
Não houve amor com tanto afã,
Quase tudo foi perfeito,
Sem defeito.

Não houve amor com tanto adorno,
Não houve amor com tanto afago
Quanto esse que existiu
E se extinguiu.

“Formas de saudade”

Hão de passar
Em brancas nuvens outros dias,
Outra forma hilariante de saudade
Há de surgir antes que finde a primavera,
Pra que não morra triste
Um triste cinamomo.

Hão de passar
Tão mansamente as outras noites,
Outro riso cortejante de saudade
Há de brilhar antes que acabe a primavera,
Pra que não viva triste
Um triste solitário.

“Templo das palavras”

A poesia é o templo ávido
das palavras mórbidas;
O bálsamo que ressuscita
os fonemas perdidos
na vagarosidade dos dicionários.

A poesia é a panacéia engarrafada
pronta para uma miraculosidade;
O estratagema dos eloqüentes
esquecido na obscuridade das bibliotecas
e adormecido nos painéis da história.

“Quando desperto”

Quando desperto, olhos de mar
No horizonte verde
Do meu vasto olhar...

Na solidão agreste
De finas gotas de orvalho,
Por entre rosas vermelhas
Um brando jeito de amar.

Quando feliz desperto
Na branca luz da manhã,
Na hora de sol puro
Em vasto odor se derrama
Um sonho de imensidão,
Por entre o verde da grama
O azul do meu coração!

“Meu olhar”

Meu olhar,
Mar azul
Que tão doce murmurei
E em prece meditei.
Tão brando que senti
Que fácil era viver
Atrás do brilho desse olhar
Que envolve,
Se dissolve
Nas rugas da minha face.
Não canso de lembrar
Como era doce
O mar azul no meu olhar.
Fino véu, meu sol,
Brilho de paz trouxe em mim.
Dormi... doce amor,
E a luz desse meu ser
Apagou.

“Amor e medo”

Amar é sentir bater no peito
Tão forte, um amor desesperado,
Que procura outro amor, com tal proveito,
Que no peito esse amor seja exaltado.

Ao sentir que as noites são ligeiras
A paixão, tanto vibra quanto aumenta,
Contudo as ilusões são passageiras,
E o amor bem mais forte se apresenta.

Amar é unir palavra e gesto,
Sorriso, silêncio e compaixão,
É fazer do amor o seu protesto,
Sem que o amor lhe proteste o coração.

“Frenesi”

Há dias em que choro
Doce frenesi
Suspiros de serestas
Nas entranhas do meu quarto
Entre a janela e o jardim
Dias de sol,
Falta um sereno emaranhado,
A semente que brota
Dos meus olhos cai no chão.
Hei de soçobrar
Palavras leves,
Meu jeito diferente
Estereotipado
Um gesto esquivo,
O olhar altivo
Inabitado
Um jovem bronco e rude
Hoje consumado.

“Venha me amar”

Os crisântemos roxos sobre o muro

Avisam que vou chegar.

Então, arrume os cabelos

E coloque aquela saia rendada

E venha me amar.

Eu vou chegar na primavera

E trarei as flores brancas

Para enfeitar o jardim.

Então, prepare o jantar

E renove os cobertores da cama

E venha me amar.

“Sobre o dia e a noite”

Amanhece dia claro
de bruma fria e rasteira
Pelos córregos poluídos de anêmonas flóridas,
Despertando jaós melancólicos
e joões-de-barro letárgicos
pela noite que morreu.
Raia o sol lenitivo ao dia
branco e rosicler
perfumado de brisa,
Sussurando luz no minueto do vento.

Vem a noite carregando luar
Sobre o pirilampos assombrados,
tripudiando a saparia coralina
pelo brejo pouco iluminando.
Cai de súbito pela noite morta
Uma aragem mórbida encobrindo a lua;
Ao longo da estrada curvilínea e densa
desce a bruma bolorenta e fria
Ao extremo da estrada torta
anunciando o dia.

“Encanto”

Sou entre céu e nuvens
A estrela calma.
Por que sabemos ser unicamente nós
No limite da dor?
Não caminhamos de mãos dadas
Nos lugares fáceis de andar?

Meu corpo rígido desmonta
as firmes pedras
Que brotam entre a terra e o mar.
Por tudo isso levito,
E sou entre céu e nuvens
A estrela calma.

É bom acolher
Um pouco de encanto,
Uma herança de cada lugar.
Meu caminho é mais branco;
E em meu corpo, esse manto:
“Minha sombra que vai passar”.

“Musa”

Não és musa de qualquer poeta,

Mas sim,

Musa de um poeta louco

Perdido entre a infância

e os livros;

És musa de um poeta ébrio

Embriagado por um chopp

Numa mesa fria

De um bar da esquina.

És musa de um poeta

debilitado na fumaça

de um cigarro

Esvaindo-se pela madrugada.

“Diáfano”

Diáfano

Teus olhos transparentes
Feito bolhas de sabão,
Teu corpo sutil
Serpenteando no espartilho.

Diáfano

Na solidão da lua
E na solidez do asfalto,
Teus passos lentos
Refletidos pelas poças d'água.

Diáfano

Teus lábios florais de Botticelli
Evocando meu desejo oculto,
Teu coração macramé
Esvoaçando pela noite aberta.

“Prazer”

Teu corpo é fruto maduro;
Teu corpo é rosa e arminho;
Teu corpo é porto seguro;
Teu corpo é flor sem espinho.

Teu beijo é fonte serena;
Teu beijo é fruta roubada;
Teu beijo flor de açucena;
Teu beijo é água-furtada.

Teu riso é cravo em botão;
Teu riso é força que induz;
Teu riso é fogo e paixão;
Teu riso é facho de luz.

“Libido”

Deixa o meu olhar ferino
Violentar-se nos lençóis macios;
E com os meus lábios rubros e ladinos
Embriagar-te de amor sexo
Neste pecado louco e complexo.

Deixa o meu olhar ardente
Apoderar-se do teu corpo lívido;
E a minha boca lúbrica e ausente
Inebriar-se em teu amor voraz
Nas madrugadas que não voltam mais.

“Teus lindos olhos negros”

São teus olhos quase negros
A ilusão que me seduz.
São lindos, puros e belos
Esbanjando tanta luz.

São teus olhos sempre belos
A emoção que satisfaz.
São puros, negros e lindos
Esboçando amor voraz.

São teus olhos sempre lindos
A nudez do meu sabor.
São belos, negros e puros
Enfeitando o meu amor.

“Presságios”

Ilha deserta, céu sem fim:
Pedacos de um mundo em mim.
Ilha escura, céu sem cor:
Migalhas de um grande amor.

Tarde longa, mar bravio:
Desejos que o olhar não viu.
Tarde triste, mar sem fim:
Saudade que trago em mim.

Noite fria, lua cheia:
Paixão que o amor serpenteia.
Noite fosca, lua morta:
O vento batendo à porta.

“Essa que eu amei”

Essa que eu amei enlouquecidamente um dia
Deixou um rastro de luz sobre o meu peito,
Inebriando cada dor e fantasia
Por esse amor sem razão e sem direito.

Essa que eu amei perdidamente outrora
Enobreceu na porta de minh'alma
Uma canção que não recordo agora,
Mas que me encanta, vibra e não se acalma.

Mas só agora que acolhi a dor e o pranto,
Essa canção me esconde aqui no peito
Cada pedaço de amor e acalanto;

E eu me aprofundo pela noite triste
Rebuscando outro amor desesperando,
Sem saber que você já não existe.

“Cantando e encantando”

Ando perambulando
Bulindo e poetando;
Contra todos amando,
Cantando e encantando
No amor que vou poetando.

Ando vociferando,
Bradando e enfezando;
Contra homens em bando,
Mando e desmando
No amor que vou poetando.

“Foi assim”

Foi assim

Feito um rastro de luz no ar,
Como um resto de azul no mar,
Que o amor brotou em mim.

Foi assim

Feito os versos de uma canção,
Como os sonhos da solidão,
Que o amor se fez em mim.

Foi assim

Feito fonte de água clara,
Como ardor que nunca sara,
Que o amor cresceu em mim.

“A canção que eu canto agora”

A canção que eu canto agora
Embalou os sonhos que eu sonhava
Nos meus tempos antigos de menino,
Hoje embala os sonhos pequeninos
Que minha filha anda imaginando.

A canção que eu canto agora
Embalará os sonhos do mundo
E os sonhos dos homens do mundo,
Embalará as gerações futuras
Dos homens do mundo.

“Subúrbio”

Gosto quando o ônibus atravessa as ruas
do subúrbio.

Olhando pela janela entreaberta, sinto
a paisagem que passa

Verde e rasteira;

Pequenas casas de telhados coloniais.

Gosto de observar a névoa da manhã,

As flores que seduzem as abelhas,

A canção do vento bulindo as folhas;

Na velocidade o subúrbio vai passando.

Gosto quando o ônibus galga as ladeiras
do subúrbio,

Parece que as nuvens descem rapidamente

E se confundem com a paisagem verde,

Com as casas de janelas pequeninas

e telhados coloniais.

Gosto quando o subúrbio policrômico

se condensa

Mostrando a orquestra da chuva

Ao som do vento na manhã,

Batendo nas varandas multicoloridas.

“Composição”

Falo por monossílabos.
Meu corpo é átomo,
Mas minh'alma é tônica.
Minhas mãos são compostas
de pentassílabos,
Meus braços duas frases abertas;
Unidos, uma só oração!
Meus cabelos, um emaranhado
de letras,

Saltitantes.
Meu coração maiúsculo
Guardado no minúsculo peito,
Meu nariz de vírgula!
Meus olhos são dois pontos
reluzentes...

Minha boca, um hífen,
Mostra que verdadeiramente
Falo por monossílabos.
Meu caminhar tem duração
de reticências
Meu sonho um ponto final.

“Vaso antigo”

Aquele vaso antigo sobre a mesa,
Emoldurando a doce e portentosa Vênus,
Revela os traços da ideal beleza
E da leveza dos sonhos que perdemos.

Aquele vaso, outrora já antigo,
Guarda no bojo um traçado nobre;
Servindo agora às flores como abrigo,
Encanta os olhos de um poeta pobre.

Aquele mimo em gesso colorido
Serviu de amparo para turvas águas;
Hoje relembra um amor perdido
Entre o passado e as duras mágoas.

“Horas vagas”

Acendo um cigarro
E a fumaça se esvai
Junto com minhas lembranças.
A noite parece o suicídio dos homens;
O passeio das horas no relógio.
Quanto mais perco,
Mais sinto vontade de você!
Amasso os papéis sobre a mesa:
“Uma minuta de minha vida!”
A fumaça do cigarro se espalha
no vão da sala
E a noite passa vagorosamente.
Os versos mal escritos
Sobre a mesa insinuam
A legitimidade de minhas lembranças.
Do céu serenado de estrelas
Retiro minha inspiração;
E quando o sono bate
Adormeço na penumbra do quarto,
Silenciosamente.

“Ab imo pectore”

No fundo do coração
Existe uma saudade grande,
Uma verdade que essa dor não diz:
Amar e ser feliz.

Existe uma vontade aguda,
Uma verdade mal executada:
Morrer por nada.

No fundo do coração
Uma saudade um tanto afinada
Alguém que chora,
Alguém que sente
O amor bem diferente.

No fundo desse pobre coração
Existe um amor e uma paixão,
Uma mulher que tanto amo
E por muito amor me quer,
No fundo do coração
O amor de uma mulher.

"Gotas de amor"

Gotas de orvalho caídas
São lágrimas desfalecidas
Que a lua deixa rolar;
Ao branco rosto do dia
São pétalas de alegria
Que a noite sabe roubar.

Gotas de amor são perfumes
Que, ao brilho dos vaga-lumes,
Dissolvem a luz do luar;
Ao leve calor do beijo
São migalhas de desejos
Carregadas pelo mar.

São minutos transparentes;
São calêndulas contentes;
São saudades descartadas.

São cicatrizes de espinhos,
Caídas pelos caminhos
Das rosas despetaladas.

“Desejo ardente”

Senhora de olhar franzido
Que ao triste bardo ensinou,
Caminhos feitos de espinhos
Amores feitos de mágoa.
Saudade... doce saudade...
Num canto da madrugada.

Senhora dona do tempo,
Esse tempo que te engana
Um dia foi aliado
No transcorrer juvenil,
Nas estranhas do meu peito
Em teu anseio febril.

Senhora... branda senhora...
No seu corpo fremitante,
Um torvelim de lembranças
No teu cantar suntuoso.

Senhora... terna senhora...
Meu sonho maravilhoso.

“Enleio triste”

Meu doce enleio triste, não te mudes
Nas bruscas águas da desesperança;
Posto que guardo fel nos lábios rudes,
Mas trago lindos sonhos de criança.

Sonda-me o riso cauto e perene;
Muda-me os olhos desanuviados
Que a primavera é lícita e solene
Aos corações florais dos namorados...

E no chilreio das manhãs ladinas
Vejo burlar as flores das campinas
Tuas leves mãos molhadas de segredos...

E no suspiro da manhã secreta
Meu coração cansado de poeta
Te deixa escapar por entre os dedos.

“Interesse”

Se quiseres saber que amor é esse
Que futrica em meu peito uma saudade.
Arrebenta em meu peito o interesse
Por teu corpo, teu beijo... oh, lealdade!

Se quiseres saber que amor herege
Em meu peito tamanha crueldade,
Une o véu do teu corpo que emerge
No meu corpo que morre de vontade.

Se quiseres saber que amor profundo
Guardo dentro dos olhos como açoite
Nas entranhas fechadas do meu mundo,

E quiseres saber quando te chamo;
Multiplique as estrelas dessa noite
Pelas gotas profundas do oceano.

“Folha ao vento”

Eu bendigo o som do amor sem melodia
Da música do vento no arvoredo.
À luz do sol nascente, meu segredo:
O cântico da saudade e da alegria.

Eu sonho com a voz canora e doce
Da minha amada em brandas primaveras,
Buscando um manto de inverniais quimeras,
Como se outono inteiro a vida fosse.

Eu fujo como a folha solta ao vento,
Largada do cabelo dessa moça
E envolta toda em meu pensamento...

E choro como a flor despetalada
Que ao vivo da procela perde a força
E morre triste sem saber mais nada.

“Uma lembrança na manhã”

Cada brisa que soprava mais forte
Trazia uma lembrança na manhã.
A primeira imagem dos olhos
Dava um brilho novo ao verão,
O estigma na terra enfraquecida pelo sol.
A verdadeira essência da vida:
“Amar as cores de todas as estações
Como um feixe de luz penetrando
 nas fendas,
Nos córregos,
Nas bordas dos riachos”.
Cada música que ao vento soprava
 no arvoredos
Parecia um pedaço de chuva
 caindo sobre a terra.
A manhã transfigurava um tempero
 de luz,
O dia era um punhado de verão.

“Mãe”

Ser mãe é ter no peito uma lembrança
Que o meigo coração nunca esqueceu,
É ser um acalanto das saudades
Que hoje com o tempo envelheceu.

Mas sempre, se uma lágrima pequenina
No rosto de uma mãe brota ligeira,
São fontes da saudade que renasce
E cresce como coisa passageira.

Ser mãe é ter nas mãos um universo
De sonhos, de amor e de carinho.
É ter no coração tantos desejos
Que hoje ainda almeja em seu caminho.

“De amor e paixão”

De cravo e rosa em botão
Fez-se o amor e a paixão;
No lar azul da saudade,
Trancado na irreabilidade.

No fogo fátuo e mordaz
Da ilusão bela e fugaz;
Fez-se a vaidade e a esperança
Aos olhos nus da criança.

Em breve sopro de vida
Fez-se uma chaga fenecida;
Na curva densa e secreta
Do coração de um poeta.

“Amor em chamas”

Fecha a luz,
A porta apaga
E a janela adormece.
Meu amor acorda...

Objetos observam atentamente
Uma dança elástica
De dois corpos livres
Num bailado leve
Para um leve amor.

Meu amor acorda...

As estrelas adormecem
Pelo céu sereno.
Em um quarto frio
Dois corpos se inflamam
Na infinita busca
De um amor perfeito.

Na insistência calma
Que os braços se tocam,
Objetos observam
Um amor em chamas
Definitivamente belo.

“Dezembro”

Vem caindo a noite.
O vento eriça o pêlo,
Os coqueiros se debruçam
E um punhado de céu cai do horizonte
Despertando a solidão do mar.

Raia sangüínea a madrugada,
O arrabalde se encolhe ao frio
Nos olhos molhados da brisa,
As ruas dormem com seus lampiões
De gás, iluminando a noite.

Vem surgindo a aurora,
Uma aragem corre aos poucos
E o dia é um vício aos olhos.

O campo se desdobra em flores,
Um silêncio desce soturno.

Em dezembro o céu é mais puro;
Chovem gotas de luz.

“Violetas na janela”

Teus olhos, ao refletirem,
O luar que a noite envolve,
Deixam os meus a sentirem
Que teu olhar me dissolve...

E teus beijos são pequenas
Flores postas na janela,
Quando ao longe me acenas
Com teus lábios de aquarela.

Teu sorriso, se me beijas,
Abre as flores do meu leito,
Pois confessas que desejas
Recostar sobre o meu peito...

E essas flores vão sorrindo:
São violetas na janela.
“Em meus sonhos vão partindo
Para entrar nos olhos dela”.

“Beijos no papel”

Beijos molhados no papel de carta.
Laivo de sonho na manhã florida.
Não vá agora! Meu amor na parta!
Quero esse beijo de mulher amada.

Olor de rosas no papel florido.
Letras gravadas no meu coração.
Não vá embora! Meu amor tão híbrido!
Morro de tédio e de solidão.

Beijos marcados no papel dobrado.
Laivo contido no meu pensamento.
Não vá embora! Meu amor quebrado!
Meu sonho corre na canção do vento.

Olor de amoras no papel bordado.
Letras riscadas no meu doce olhar.
Não vá embora! Meu amor marcado!
Vivo essa angústia de não te encontrar.

“Seja de amor...”

Seja de amor
A dor que sinto,
O amor que tenho
Dure tanto,
Seja imenso ou pequenino
O meu amor
Que tanto dure.
Seja de amor,
Maior exista
Um outro amor
De quem me ame,
Seja infinito e nunca passe
Daqui do peito
O amor que sinto.
Seja de amor
Se algum dia
Alguém que tenho
Logo passe,
Seja o amor bom de viver
Se alguém que tanto amo
Um dia me esquecer.

“Sou o que sou”

A tristeza é o dividendo,
A angústia é o divisor,
O resultado é a amargura,
O resto é bobagem.
Meu amor divide-se em partes,
Fronteiras ilimitáveis.
Sou o que sou,
O que tenho é o que possuo,
E alguma coisa que venero
Está muito além
Do que eu posso compreender:
“O amor sem prova dos nove”.

“Acaso”

Se acaso tenhas que amar demais
Que seja eterno ou puro; simplesmente
Seja um amor seguro e consciente,
Desses que agente nunca vê jamais.

Se acaso tenhas que sonhar um mundo
De risos gratos ou de solidão
Que seja um sonho mágico e profundo,
Guardado oculto em meu coração.

Se acaso tenhas que chorar outrora
Que seja um choro de felicidade,
Umedecendo a face com saudade
Da tua infância lembrada agora.

Se acaso tenhas que sorrir contente
Que seja um sorriso largo e faceiro,
Desses que invadem a alma de repente
E que nos deixa rindo o dia inteiro.

“Estes sonhos”

Estes sonhos virarão saudades
Quando a noite nos meus olhos se expandir
E ocultar, não só meus olhos,
Mas meu rosto
Na procura de outras noites
Que hão de vir.

Estes sonhos passarão depressa
Quando o dia em meu peito se ocultar
E expandir, não só o meu pranto,
Mas meu medo
Na espera de outros dias
Que hei de achar.

“Se a vida me guardar”

Meu coração febril,
Raios de lua no meu ser.
Do amor que dá-se
O amor que surge
Nas mãos do amigo que me acolhe,
No peito de quem me traiu,
Amor da vida
Por um fio!
Meu coração de mar
Tranquilo e sereno ao luar.
Do amor que tomo
O amor que dou
Do pensamento de quem me observa,
No peito de quem me matar
Seja de amor
Se a vida me guardar.

“Palavras”

Palavras breves
Leves como o vento
Duram pouco,
Duram um momento
Leves palavras
Que a noite esconde,
Doce murmúrio
De um lento beijo,
Curtas palavras
Que às vezes ouço,
Breves sorrisos
Que na noite vejo.
Palavras tristes
Que a boca inventa,
Palavras ditas sem cuidados
Levam temor ao coração,
Coração marcado
Sorriso curto,
Sonho abrandado.

“Um novo dia”

Um novo tempo
Seremos capazes
de qualquer perigo,
Estamos mais livres
Voamos mais alto
Estamos felizes,
Vamos reviver
Sonhos pra viver.
Um novo dia
Criando amizade
por qualquer motivo,
Cantamos mais forte
Estamos mais jovens
Sem medo da morte,
Vamos conviver
Sonhos pra viver.

“Frêmito”

Frêmito de amor por toda parte
A procurar-te nesse doido fel
Que exala de meu corpo feito arte
Bebendo a sede de um amor cruel.

“Oração do menino pobre”

Senhor,
Tão só
Não sei rezar inteira minha oração!
Mas, peço-te por favor,
Protegei meu corpo cansado
Da chuva e do frio da noite.
Colocai uma esperança em meu caminho
E Tua luz para guiar-me.
Fazei o céu mais azul
E bem macios os calçados da cidade.
Deixai que eu contemple até
bem tarde no céu
As estrelas feitas de diamante
E, que o meu apertado coração,
Compreenda esta inesgotável luta,
Para que um dia eu possa
Levantar mais alto os meus braços...
Eis, Senhor, tudo o que Vos peço
Na realidade do meu dia.
Amém!

“Louca lembrança amiga”

Tarde longa,
Longas horas,
Louca lembrança amiga.
Doce espera,
Brisa leve
Bate ao peito,
Balança os cabelos
E encobre os olhos,
Tantos sonhos,
Grandes sorrisos,
Um pouco de verão.

“Noite”

A noite é quase sempre triste.
A solidão me acompanha sempre,
Nas horas tristes da noite
Sempre me acompanha uma solidão.
A noite é quase imprevista
Quando passa tão depressa,
É sempre infinita a noite
Quando lentamente passa.
A noite é uma triste lembrança
De alguém que o dia não trouxe,
Alguém que ao dia não veio
Esquece de vir à noite.
A noite é sempre o desejo
Que venha a próxima noite;
E alguém espera ansioso
Que a noite traga outro alguém.

“Estrela ardente”

Felicidade é uma estrela
Peregrina, purpurina
Melodia macia
Incandescente, fluidamente
Nua...
Ah! Estrela ardente
Seu eu sentisse teu fervor
Te amaria mais feliz
Confiando em teu amor.

Solta em nosso ritmo
Acesa, vagarosa
Quando vivo noites longas
Pensativo
Só...
Ah! Estrela ardente
Seu eu pudesse te fazer feliz
Te amaria desde os pés
Até a ponta do nariz.

“Cores do Brasil”

A manhã é um cartão postal
Nos braços abertos do Brasil,
O sol agressivo
Entre a grama e o jardim
Flores cálidas...
Petúncias debruçadas,
Descabeladas,
De Belém ao Rio
Cores do Brasil!
Um requintado momento
Sem evento estrangeiro,
Norte ou Sul
Um Porto Seguro,
Brasil brasileiro.

“O mar”

Vejo em teus olhos a manhã que surge
Na brisa que o mar esconde,
Vejo o próprio mar beijando a areia
Na praia deserta e serena;
Sinto o sol queimando a pele,
Um sol de pele morena.

Vejo em teus olhos o mar que ruger,
Esbraveja nos rochedos
Sua fúria de azul maciço,
Sinto o mar como um vício.

Vejo o mar sugando as velas,
Refletindo as nuvens altas
Em teu cristalino olhar.
Nas manhãs de puro sol
Vejo a luz no azul do mar.

“Distância”

Acordei com saudade de mim,
Procurei meus olhos no espelho.
Minhas mãos tocavam meu peito,
Mas não me alcancei.
Amargo da saudade em mim,
Dormi tão cedo
E meus olhos reclamaram tanto
Na ausência de você.
Doçura da saudade em mim,
A lembrança me afoga
Nesse emaranhado de sonhos,
Vivo, assim, desconhecido.
Loucura insaciável em mim;
Teus olhos transparecem a alma
E te vejo ao fundo,
Doçura que não tem mais fim.

“Primeira visão”

Amor – reação química;
Fusão de luz e calor
Flutuando no ar.
Corpos misturados no vazio
Do quarto, na penumbra
Da noite, vestidos de iluminação.
Primeira visão,
Único olhar emoldurado
De um solitário ser;
Sentir o que viver.
Amor de calafrios nos braços,
Medo da morte ou solidão,
Reação química –
Força física.
Amor saudade verdadeira,
Pouco compreensivo;
Corpos misturados no ar,
Amor – reação química;
Vontade de amar.

“Minha filha”

Ela chegou no palor da tarde

revolta

E confabulamos novas palavras

Amenas, serenas.

Seu olhar inefável ensinou-me

cousas imprevistas

E eu esqueci dos meus suplícios,

Minhas mágoas, minhas dores mórbidas.

Seu sorriso deixou-me embevecido,

Seu afago tornou-se o meu viver.

Somente meu coração pôde

entendê-la tão bem.

Seu enlevo me fascina;

Donairoso, pequenina...

Ela veio na brisa

E meus olhos brilharam ao vê-la,

Jamais consegui esquecê-la.

“Terras de abandono”

As terras por onde ando
São terras que não tem dono;
São terras sem turmalinas;
São terras de abandono.

As terras por onde passo
São terras de homem egresso;
São terras que não tem rima;
São terras que não tem verso.

As terras por onde vivo
São terras de águas turvas;
São terras de sonhos lúbricos;
São terras de muitas curvas.

As terras por onde moro
São terras que não tem cores;
São terras de poucos risos;
São terras de muitas dores.

“A primavera chegou”

O vento faz um certo ruído
Despertando a brisa leve.
Olhares espantados
Despertados;
Fogem invernos,
Somem verões...
Não há tempestade,
Não há vento frio,
Já não caem folhas mortas
E a chuva não lacrima triste
Sobre os telhados
Lameados,
Descoloridos...
A primavera chegou
Trazendo a vida mais doce
Em sua própria doçura,
A primavera chegou
Branca e pura.

“A chuva na madrugada”

A chuva na madrugada
Mistura um pouco de solidão
E saudade,
Uma lembrança passageira
Da noite louca e ligeira.
Chegas no aconchego do meu ombro
E te misturas com meu corpo,
Teus cabelos me abraçam
No silêncio infinito.

A chuva na madrugada
Não esconde o brilho dos teus olhos,
A palidez do teu corpo.
Chegas na malícia da noite
Me seduzindo com teu brilho,
Me amordaçando com teus braços;
E a chuva na madrugada
Morre calada.

“Olhos tristes”

Vejo um olhar perdido na saudade,
Uma lembrança aquém da mocidade,
Uma distância que não tem mais fim;
Alguém sem mim.

Vejo um olhar que foge à madrugada,
Uma saudade e uma lembrança apagada,
Um poeta que morreu sem poesia;
Um triste dia.

Vejo um olhar ganhando a tarde pequenina,
Um brilho intenso que seduz minha retina,
Uma lembrança com sabor de madrugada;
Amar por nada.

Vejo um sorriso na ladeira da saudade,
Alguém que morre sem viver a mocidade,
Uma espera que não chega ao fim;
Viver assim.

“Deixai cair a chuva”

Deixai cair a chuva
no meu corpo inerte
Para iluminar meus braços
Com toda a pureza das manhãs,
Para machucar meu coração,
Meu pobre coração de verme.

Deixai cair em mim
uma gota de sol,
Um enorme vendaval
Para transformar meu corpo
em pedra;
Em pedra todo o mal.

“Fragmentos”

O amor, na vida da gente,
Faz fragmentos dos olhos
Revelarem o que a alma sente;
E n'alma pura inocente,
O sentimento ilusório,
Fere e mata de repente.

Na vida, o amor da gente,
Faz fragmentos dos olhos
Revelarem de repente;
N'alma pura que sente,
O sofrimento ilusório,
Que nos mata brandamente.

“Amor de primavera”

Qual nuvem branca no céu de anil;
O amor que nasce feito canção,
Paira nos olhos em ardor febril
Que exala forte do coração.

Qual flor crescendo no descampado,
Brando é o amor feito de alegria.
Vibra nos lábios tão encantado
Um fogo ardente por rebeldia.

Qual luz que brilha em tom selvagem,
Tal é o amor quando rompe a aurora.
Engana aos olhos feito miragem,
Enfeita os risos de qualquer hora.

Qual verde ramo de flor silvestre,
Na primavera um frágil jasmim.
O amor que paira do azul celeste
Nas asas leves de um querubim.

“Casas”

Algumas altas
Outras pequenas,
Umas rosadas
Outras morenas
Sempre coladas
Umas nas outras
Jamais tiveram
Separação.
Algumas de telhas
Outras de zinco,
Umas dobradas
Com tanto afinco,
São simplesmente
Pequenas casas
Que ao vento foram
Abrindo as asas.

“Barcos”

Meu coração é um porto abandonado
Que os barcos passam, mas não param nunca;
E buscam, juntos, um novo traçado
Que longe esteja da maré adunca.

O teu amor é um barco sem destino
Que não atraca nunca no meu cais;
E passa longe do meu porto pequenino:
Segue perdido e não volta mais.

O meu olhar longínquo, na esperança
Do teu amor que passa lentamente,
E não atraca no meu coração;

É o cais vazio ao teu barco que encerra
No ancoradouro do meu porto de repente
Uma saudade e uma solidão.

“O gato”

No vão imenso da sala
O gato salta matreiro,
Lesto pula de lado
Rebate o travesseiro;
Corre feito um cometa
Mergulha sobre o sofá
E quando cansa de tanto,
Pára subitamente
Passando a língua na pata,
Deitado, espreguiçado
Na fria sala-de-estar.
Rola no chão, rodopia
Correndo de lá pra cá,
E salta por um momento
No espaço da janela,
Pula tão repentino
De novo sobre o sofá
E corre, salta e pula
No chão da sala-de-estar.

“Regresso”

Serás tu meu doce anjo
De inefáveis sentimentos,
O indulto em minha vida?

Serás tu que meigamente
Com teu riso indolor
Os primores mostrarás?
Às escâncaras dirás:
Eu te amo eternamente!

Serás tu meu doce prazo
De inefáveis movimentos,
O indulto em minha vida?

Serás tu que ao regresso
De uma tarde prolongada
Ao sopro da viração
Mil delírios mostrarás?
Às escâncaras dirás:
Eu te amo em excesso!

“Eu faço versos”

Eu faço versos porque amo a pura
Arte serena de versificar;
E, amando sonho, mudo e transponho
A bela e rara arte de amar.

Eu canto baixo porque sou criança
Sorrindo aos braços largos do querer;
E, sonhando amo, choro e reclamo
A rara e bela arte de viver.

Eu guardo rimas porque sou amante
Da pura e louca arte de compor;
E, rimando choro, vivo e adoro
Versos que faço para o meu amor.

“Palavra e verso”

Meu sentimento é um rio sem destino.
Para que mares vai e como nasce?
Não temo... Faz noite em meu olhar
Que insurge meus ditames.

De origens divagadas e disformes
Morre na disparidade dos homens
Homiziado das coisas de Deus.

Meu sentimento é um soluço pávido.
Para que terras vai e como volta?
Não digo... faz escuro em meu olhar
Que habita meus pavores.

De traçado pérfido e perene
Sobrevive na longevidade das horas
Profligado das coisas de Deus.

“Imensidão”

Pra que ser pássaro
Quando se pode ser céu
E abrigar todos os pássaros?

Pra que ser peixe
Quando se pode ser rio
E abrigar todos os peixes?

Pra que ser barco
Quando se pode ser mar
E abrigar todos os barcos?

Pra que ser sonho
Quando se pode ser Realidade
E abrigar todos os sonhos?

ORELHA DO LIVRO

Caminhos de areia: caminhos de histórias e lembranças que, rememoradas, enchem páginas de livros e corações. Sentimentos que falam de vidas, de pessoas; de idas e vindas; de sonhos e fatos acontecidos. Caminhos que podemos percorrer em conjunto ou separadamente. Caminhos que nos fazem reviver todos os tempos, seja noite, seja dia. Este livro é um painel onde o amor é o principal combustível para percorrermos cada passo deste caminhar.